



## **EDUCAÇÃO: PROFISSÃO PARA O FEMININO, BICO PARA O MASCULINO<sup>1</sup>**

Maria José Ribeiro de Souza<sup>2</sup>

### *INTRODUÇÃO*

No primeiro semestre de 2009 teve início o Curso de Pedagogia da Faculdade Metropolitana, no município de Porto Velho, Estado de Rondônia, uma turma formada por 19 (dezenove) mulheres e apenas um homem. Na contemplação deste cenário se percebeu uma faixa etária dos 20 (vinte) aos 60(sessenta) anos, e paralelamente comportamentos, condições sociais e econômicas, culturas, objetivos e sonhos diferentes.

Um embrião intensamente diversificado, que certamente teria crescimentos estonteante, diante de tão vastas experiências e histórias de vida. Como desvendar tantos mistérios? Obter informações e saber o que realmente aquele homem e aquelas mulheres queriam com o curso de Pedagogia? Seria uma questão de sobrevivência? Um sonho? Mudança de vida? Um complemento na renda familiar?

Para dar início ao conhecimento desse grupo e começar a entender o porquê de estarem ali, se trabalhou com a história oral e escrita na primeira semana de aula, de cada semestre letivo: 2009/1, 2009/2 e 2010/1. A cada início de semestre ao se iniciar uma nova turma, os mesmos fizeram um pequeno memorial descritivo em forma de redação, contando um pouco da sua vida, seus sonhos e o que pretendiam com curso de Pedagogia, quais suas expectativas e o caminho percorrido para chegarem até a academia.

Após este primeiro momento se estabeleceu uma relação cotidiana de conversas, desabafo, estudos, ensinamentos e aprendizados entre coordenação e discentes, foram destes escritos e momentos que se construíram os dados desta pesquisa.

Este trabalho se estruturou em dois eixos: o primeiro teve como foco traçar um perfil de cada turma por meio de seus escritos. Neste momento teve-se a história de cada um, mesmo que se ocultando alguns segredos que julgavam feios e pecaminosos, a luz dos padrões sociais, morais e

---

<sup>1</sup> Pesquisa realizada com as acadêmicas e acadêmicos do Curso de Pedagogia da Faculdade Metropolitana, município de Porto Velho, Estado de Rondônia. 2009/2010.

<sup>2</sup> Pedagoga, Mestre em Desenvolvimento Regional e Meio Ambiente, Coordenadora e docente do Curso de Pedagogia da Faculdade Metropolitana, Pesquisadora do GepGênero/UNIR. Maze\_ribeiro@yahoo.com.br.



religiosos de cada um. Isso ficou claro através de conversas e desabafos que foram acontecendo no cotidiano acadêmico.

O outro eixo teve como objetivo, perceber se para os três acadêmicos, sim, porque em cada turma tem um homem, as expectativas para o curso são as mesmas ou se aproximam dos que esperam e pretendem as 48 (quarenta e oito) acadêmicas das três turmas.

no século XIX, é o poder civilizador através da educação, seja na família, na figura das mães, seja nas escolas, através das “segundas mães”: as professoras. As mulheres seriam poderosas, pois deteriam as possibilidades de formação das novas gerações, um poder pouco visível, escondido na trama do tecido social, idéia que cresce e se difunde lado a lado com a revalorização da criança e da vida privada e familiar<sup>3</sup>.

A citação acima faz menção e demonstra claramente a posição da mulher enquanto educadora, seja como mãe ou como professora. Para Gokhale (1980) a família não é tão somente o berço da cultura e a base da sociedade futura, mas é também o núcleo da vida social e neste cenário se propaga à mulher, como educadora informal, indicando que o sucesso da educação da criança pela família, principalmente pela mãe será o suporte para o desenvolvimento da sua criatividade e da sua produção na fase adulta. Freire (1986) ratifica o importante papel da casa e da família na vida humana, ele foi alfabetizado no chão do quintal da sua casa, à sombra das mangueiras, com as palavras do seu mundo, tendo como sua primeira professora, sua mãe. O chão foi o quadro negro e gravetos o seu giz.

Além dos dados construídos no momento da pesquisa para falar de educação foram utilizados: Freire, Brandão e outros. A família foi caracterizada e comentada por vários autores com destaque e aprofundamento de Chauí. A pesquisa teve base qualitativa, acompanhados de importantes escritos sobre gênero, à condição social e humana homem/mulher, destacando-se Bueno, Louro, Cerisara, Whitaker, outros e outras.

### *1. O CONTEXTO EDUCACIONAL FEMININO E MASCULINO NO BRASIL*

Para Louro (1997, p. 89), no que se estabelecem os parâmetros de exercício da educação, ela independe de gênero, porém embora professores e professoras passem a compartilhar da exigência de uma vida pessoal modelar estabelecem-se expectativas e funções diferentes para eles e para elas: são incumbidos de tarefas de algum modo distintas, separados por sexo; é impossível pensar sobre a instituição sem que se lance mão das reflexões sobre as construções sociais e culturais de masculino e feminino.

---

<sup>3</sup> CARVALHO, Marília Pinto de; VIANNA, Cláudia. Educadoras e mães de alunos: um des(encontro). In. BRUSCHINI, Cristina; SORJ, Bila (orgs). *Novos Olhares*; mulheres e relações de gênero no Brasil. São Paulo, Fundação Carlos Chagas/Marco Zero, 1994, p. 133-58.



A história da educação no Brasil, remonta uma trajetória de ensino primeiramente religiosa (jesuítica) e após essa fase passou a ser de certa forma familiar, onde as escolas se iniciava nas fazendas em pequenas salas de aula onde a filha do senhor, estudava para ser a professorinha da fazenda, enquanto isso o filho homem se ocupava em administrar as terras e produções da família ou ia para grandes centros (capital), para se formar em Medicina ou Direito, o magistério era um ofício próprio das mulheres.

No final do séc. XIX até a primeira metade do séc. XX, foi se estabelecendo uma nova idéia de educação, os cursos normais foram surgindo e legalizando o ofício do ensinar com a criação das Escolas Normais ou Institutos de Educação. As mulheres além de educadoras no lar ultrapassavam os muros das suas casas e iam se formar em verdadeiras tias do magistério. Mesmo com os levantes de Francisco Campos, Anísio Teixeira, Paulo Freire e outros dos poucos educadores da época, se imbricando no ofício de ser professor, a educação não passava de um ofício quase que exclusivamente feminino.

A questão salarial, sempre foi polêmica para as professoras e professores. Como por algum tempo, o homem e tão somente o homem, foi o único provedor do sustento da família, a mulher não precisava ter um pró-labore de grande valor, o que importava ilustrativamente era receber para comprar o pó de arroz. Não se está afirmando com isso, que este é o principal motivo dos baixos salários que a categoria recebe até hoje. Daí se faz uma reflexão quando ainda se visualiza mulheres no mercado de trabalho recebendo menos que homens, por funções similares.

O que esta pesquisa verificou foi se ainda perdura essa idéia acerca do tema. Atualmente, a educação, pelo menos no Estado de Rondônia se desenha da seguinte forma: Educação Infantil e séries iniciais, com um percentual quase que unânime feminino; do 6º ao 9º as disciplinas de: Língua Portuguesa, História e Geografia, com um grande percentual de docentes feminino, enquanto isso nas disciplinas de Matemática e Ciências Físicas e Biológicas existe um misto no gênero, predominando nas disciplinas de cálculo o sexo masculino.

Quando se visualiza o ensino médio, a incidência do sexo masculino é ainda maior, principalmente em Matemática, Física, Química e Biologia, dessa forma se percebe que quanto maior o grau de complexidade quanto ao mito das disciplinas mais difíceis, os homens assumem as suas regências.

É notório nesta pequena descrição visualizar que, principalmente na educação infantil e séries iniciais do Ensino Fundamental a figura feminina prevalece como gestora do ensino. Conforme Walkerdine (1995, p. 212), as novas teorias psicológicas e pedagógicas entendem o afeto



como fundamental na facilitação no processo de aprendizagem, se integrando a essa ação o amor e a solidariedade. Por isso não é nenhuma novidade que os cursos de formação para a docência, principalmente na educação infantil e séries iniciais, se abram e se dirijam mais as mulheres, de uma forma cultural e costumeira.

O mote preponderante desta pesquisa, permeou por várias vezes a questão da profissão do magistério para mulheres e homens que fazem o curso de Pedagogia na Faculdade Metropolitana, qual seria os objetivos desses futuros Pedagogos e Pedagogas?

## *2 . A SUBJETIVIDADE DO MAGISTÉRIO COMO TRABALHO: BICO PARA O HOMEM, PROFISSÃO PARA AS MULHERES.*

O trabalho como uma ação essencialmente humana e que só o homem em sua plenitude é capaz de exercer com compreensão do que se faz, e porque se faz, é assim definido por Cotrim:

É toda atividade pela qual o ser humano utiliza sua energia física e psíquica para satisfazer suas necessidades ou para atingir um determinado fim. Por intermédio do trabalho o homem acrescenta um mundo “novo” (a cultura) ao mundo natural já existente, porque implica a um projeto de existência mental que determina a ação a ser desenvolvida para alcançar o objetivo almejado<sup>4</sup>.

O mundo do trabalho ainda é fortalecido pelo o mando masculino. Na segunda metade do séc. XX as mulheres iniciaram seu processo de escolarização e profissionalização por meio da formação superior. As universidades passaram de maneira enfática, assim como no mundo do trabalho a fazer uma divisão sexista de carreiras profissionais, a exemplo das Engenharias, Geologia e Agronomia, profissões excepcionalmente masculinas (lembrando sempre a possibilidade das exceções) e a Enfermagem, o Magistério e o Serviço Social, profissões indiscutivelmente femininas.

As profissões destinadas culturalmente as mulheres são de prestação de serviço, enquanto que as Engenharias, em especial, civil e mecânica, dispõe de um vasto campo de trabalho autônomo, sem agregação de horários fixos e valores muitas vezes exorbitantes em relação ao numerário recebidos pelas mulheres, pelas suas atividades consideradas servil. Whitaker (1998) lembra da idéia constante de que a mulher nasceu para servir.

### *2.1 BICO PARA O HOMEM, PROFISSÃO PARA AS MULHERES*

As leituras dos memoriais escritos por alunas e alunos do curso de Pedagogia da Metropolitana, trouxeram para este texto, informações, emoções, expectativas, sonhos e medos

---

<sup>4</sup> COTRIM, G. *Fundamentos da Filosofia: ser, saber e fazer*. 10. ed. São Paulo: Saraiva, 1995.



vivenciados em suas caminhadas até a chegada na academia. São homens e mulheres que escancaram suas vidas de forma acanhada e com alguns resguardos de quem tem restrições próprias a fazerem de suas ações.

Esse elenco formou-se a partir de cidadãos e cidadãs com faixa etária , condição social, cultural e econômica diversificada, um panorama que traz em seu bojo a certeza de que quase todos que ali estão tem um só propósito: ser professor ou professora.

As leituras foram deliciosas, em alguns momentos alegres, em outros sofridas, chegando a pequenas e refutáveis emoções.

Os textos tinham quase que confissões de mulheres casadas, amasiadas<sup>5</sup>, separadas, solteiras e mães. No início do escrito, sentiu-se um pouco de resistência em falar de si, depois, no decorrer do texto suas vidas fluíram de maneira clara e espontânea.

Segue textos de relatos que expõe a necessidade e a opção de se fazer o curso de Pedagogia. As acadêmicas e acadêmicos serão identificados por nomes fictícios:

*Marília – nasci no Piauí, tenho 24 anos, aprendi a ler aos nove anos, pois morava com meus pais em uma colônia longe da cidade. Depois fui entregue pelos meus pais a uma outra família, foi muito difícil para mim, pois amava minha família e, além disso, tive que reaprender a viver, nova cultura e costumes passou a fazer parte da minha vida, confesso que foi muito difícil. No ano passado 2009, uma tia (postiça) me convidou para vir para Porto Velho, e aí decidi fazer o vestibular para Pedagogia.*

*Natália – tenho 24 anos, fui deixada pelos meus pai com um ano e meio de vida para outra família criar. Eu era muito maltratada e mesmo muito pequena um dia consegui fugir, fui para na casa de uma prima que conseguiu que uma outra pessoa me adotasse. Até hoje sofri muito, passei muitas humilhações mais vai chegar o dia em que vou conseguir um bom emprego com minha formação em Pedagogia, profissão que sempre sonhei desde criança.*

*Norma – tenho 18 anos, moro com meus pais e não trabalho, me considero cearense, pois meus pais são de lá e sempre vamos visitar os nossos parentes. Não tenho dificuldades para estudar. Resolvi fazer Pedagogia, porque é a profissão que mais me identifico.*

*Fernanda – Sou paraense, tenho 38 anos, sou solteira e tenho uma filha de nove anos, trabalho com crianças e gosto muito do que faço, apesar de ser muito difícil. Quero muito me formar para dar uma vida melhor a minha filha, que é a minha vida. Aqui em Porto Velho, moramos eu e minha irmã que é professora. Meus pais e demais irmãos moram no Pará.*

---

<sup>5</sup> Termo intensamente usado em Rondônia, para mulheres que vivem união estável sem a efetivação jurídica do matrimônio.



Maria – *tenho 38 anos, sou casada e tenho uma filha de 16 anos, no momento estou desempregada, já trabalhei 04 (quatro) anos em uma escolinha infantil um ano como merendeira e os outros 03 (três), na portaria. Estudei o Ensino Médio na Educação de Jovens e Adultos. Este curso vai me dar oportunidade de conseguir um emprego com mais facilidade, ganha pouco mais sempre tem, e para mim é suficiente.*

Tereza – *tenho 20 anos, sou solteira e moro com minha mãe, faz poucos meses que meu pai faleceu. Quero me dedicar a esse curso e realizar meu sonho e de meus pais de me formar, pois é o que eles sempre me falavam, para eu estudar, me formar, ter minha profissão, porque o estudo é única coisa que ninguém tira de você.*

Fátima - *tenho 22 anos, sou fiscal de loja, moro sozinha há um ano. Tenho uma vida independente e espero que esse curso me traga muito conhecimento e possibilidade de um emprego melhor. Sempre sonhei e tive vontade de fazer esse curso, pois uma das minhas paixões é criança e quero trabalhar com elas.*

Lúcia – *nasci em Ji-Paraná, hoje moro na cidade de Porto Velho. Meu maior passo foi retomar meus estudos, pois faz 10 (dez) anos que não estudava. Quero terminar a minha faculdade, me formar, ser alguém na vida.*

Paloma - *tenho 20 anos e sou mãe de um menino de um ano e meio de idade. Sou casada legalmente, mais estou separada há 04 (quatro) meses, minha sogra achava que eu não estava a altura do filho dela, e em meio de tantos conflitos nos separamos. Resolvi estudar para dar o melhor pro meu filho, entrei de cabeça nessa nova etapa da minha vida, me dá alegria, conhecimento e sabedoria.*

Dora – *não vou dizer a minha idade mais estou na faixa dos sessenta anos, depois de criar meus filhos decidi estudar, quero ser professora, me sentir útil e capaz.*

Silvia – *tenho dois filhos, faz muito tempo que não estudava, resolvi fazer Pedagogia depois de um problema de saúde do meu marido, e precisei ajudar nas despesas da casa. O meu sonho é ser pedagoga, trabalhar e ganhar meu salário, assim realizo o meu sonho e o sonho da minha mãe, que é me ver formada.*

Nívea – *sou policial aposentada, tenho 50 anos, decidi fazer Pedagogia porque gosto de lidar com gente e com criança. Aposentei-me muito jovem e precisava ter uma atividade. Faço o curso juntamente com minha cunhada, esposa do meu irmão e gosto curso. Pretendo concluir o curso e trabalhar, será uma realização me formar.*



Brenda – *sou ribeirinha, cresci a margem direita do Rio Madeira, em meio a floresta, desde criança via a dificuldade que nós, daquelas comunidades tínhamos para estudar. Sempre quis ser professora. Decidi fazer Pedagogia para ter uma profissão, ter um salário e quem sabe, lecionar para as crianças da minha comunidade.*

Pedro – *tenho 21 anos, sou casado e tenho uma filha da minha mulher que adotei como minha. Trabalho numa marmoraria, como montador, um serviço cansativo e árduo, mais no momento é o que me dispõe. Faço Pedagogia porque gosto, tenho muita dificuldade por causa dos horários, chego sempre atrasado no primeiro tempo, mais não acontece só comigo, a maioria das alunas da minha sala também trabalham e chegam atrasadas. Nossos docentes tentam conciliar e compreender. Para mim este curso é a grande mudança no meu futuro, pretendo prosseguir nos estudos após a graduação e fazer desta a minha profissão e dela tirar o meu sustento e da minha família.*

Fernando – *tenho pouco mais de 20 anos, sou noivo e faço Pedagogia porque gosto, não sei bem se ainda é o que eu quero, mais estou fazendo, pretendo concluir.*

Sérgio – *tenho 20 anos, ainda não sei direito porque faço Pedagogia, meu pai é quem paga minha Faculdade. Não sei se vou concluir o curso, talvez tente outro curso.*

Alijada do mundo público e, confinada ao mundo doméstico, a mulher viu gradativamente sua participação no mercado de trabalho se restringir a pequenos “guetos femininos”, em profissões que dizem respeito às funções femininas, e seu trabalho toma o aspecto de ser sempre uma atividade de ajuda ao homem; quer seja esta figura masculina o pai ou o marido, ou ainda quem representar a cabeça da família<sup>6</sup>.

É evidente que não estão aqui todos os relatos escritos e dialogados das turmas, mais alguns que foi importante mostrar. Entre conversas e leituras ficou evidente que as mulheres que escolheram este curso o percebe como um meio de sobrevivência suficiente para o atingimento de suas necessidades.

São mães, esposas, mulheres que vislumbram sempre um sonho que não contempla só a si, mais a todos e todas que estão na teia de suas vidas. O que se percebe é o sentimento de inclusão que essas mulheres mantem em seus sonhos e anseios e que em sua maioria, são pessoas com sofrimentos por abandonos, seja pelos pais ou por companheiros. Com essa relevância, poderia se propor ao final desta pesquisa, um ensaio sobre a relação da profissão do magistério para o sexo feminino com a afetividade, a necessidade de doação e da relação com a diversidade infantil e juvenil, vista como uma contrapartida aos seus sofrimentos quando crianças.

---

<sup>6</sup> SAFFIOTTI, H. *A mulher na sociedade de classes: mito e realidade*. Petrópolis: Vozes, 1976.



As leituras dos memoriais e conversas com os acadêmicos do curso de Pedagogia demonstrou de forma clara as diversidades entre os três interlocutores, sobre o interesse e objetivos quanto aos cursos. Não foi possível afirmar que para estes seria um bico ou complemento na renda mensal, porém foi claro a certeza de apenas um em seguir a profissão e tê-la como atividade principal.

O que ficou explícito foi à necessidade, sem ser de forma sexista o principal motivo para o prosseguimento do curso. As mulheres em sua maioria obedecem um padrão de mães e esposas, ou de pessoas sem um mantenedor, a questão seria mesmo a manutenção do curso para uma profissionalização que lhes dará uma condição de trabalho e salário melhor que a atual, em nenhum momento elas ou ele afirmam que seria satisfatória posteriormente, mais que no momento era uma alternativa possível e melhor.

Quanto aos outros dois acadêmicos se percebeu que o fato de ter uma vida financeira mais abastada ou um mantenedor, ainda poderia vislumbrar uma outra profissão, por isso a dúvida se realmente o magistério contemplaria seus objetivos.

### *CONSIDERAÇÕES FINAIS*

O magistério ainda continua sendo visto pela sociedade, como uma profissão feminina, atrelado a isso estão os baixos salários dos educadores e a escola ainda vista como extensão do lar. A afetividade, compreensão e o amor formam um tripé importante de sustentação para a aprendizagem, o que fortalece esse pensamento.

### *BIBLIOGRAFIA*

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O que é Educação**. 44ª ed. São Paulo: Brasiliense, 2005. (Coleção Primeiros Passos).

BUENO, Cléria Bittar. **VIVO SEMPRE PREOCUPADA: O dilema em conciliar (sem culpa) o trabalho e maternidade**. Franca, SP: Unifran. 2005.

CERISARA, Ana Beatriz. **PROFESSORAS DE EDUCAÇÃO INFANTIL. Entre o feminino e o profissional**. São Paulo: Cortez, 2002. (Coleção Questões da Nossa Época: v. 98).

CHAUÍ, Marilena. **Convite a Filosofia**. 13ª ed. São Paulo: Ática, 2005.

GOKHALE, S.D. **A Família Desaparecerá? In Revista Debates Sociais** nº. 30, ano XVI. Rio de Janeiro, CBSSIS, 1980.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação. Uma perspectiva pós-estruturalista**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.



SAWAIA., Bader (Org.). **AS ARTIMANHAS DA EXCLUSÃO. Análise psicossocial e ética da desigualdade social.** Petrópolis, RJ: Vozes, 1999.

WALKERDINE, V. **O raciocínio em tempos pós-moderno. Educação e realidade.** Vol. 20(2), jul/dez. 1995.

WHITAKER, Dulce. **MULHER & HOMEM. O Mito da Desigualdade.** São Paulo, 1988. Coleção Polêmica.